



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA DO TOCANTINS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**MAICON PINTO DA SIVA**

**A PARTICIPAÇÃO FEMININA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO  
FUNDAMENTAL II EM MIRACEMA DO TOCANTINS-TO**

**MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)**

**2019**

MAICON PINTO DA SILVA

A PARTICIPAÇÃO FEMININA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO  
FUNDAMENTAL II EM MIRACEMA DO TOCANTINS-TO

Monografia apresentada a Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Miracema para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física, sob orientação do Professor Dr. Rodrigo Lemes Del Rio Martins.  
Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Lema Del Rio Martins.

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

S586p Silva, Maicon Pinto da.  
A participação feminina nas aulas de educação física do ensino fundamental em Miracema do Tocantins-TO. / Maicon Pinto da Silva. – Miracema, TO, 2019.  
40 f.  
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Educação Física, 2019.  
Orientador: Rodrigo Lema Del Rio Martins  
1. Educação física. 2. Inclusão. 3. Participação. 4. Meninas. I.  
Título

**CDD 796**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

## FOLHA DE APROVAÇÃO

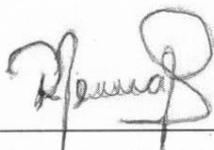
MAICON PINTO DA SILVA

### A PARTICIPAÇÃO FEMININA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO FUNDAMENTAL II EM MIRCEMA DO TOCANTINS-TO

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema do Tocantins, Curso de Educação Física para obtenção do título de Licenciado em Educação Física e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 07/12/2019

Banca Examinadora



Prof. Dr. Rodrigo Lema Del Rio Martins, UFT

Orientador



Profª. Ms. Maisa Ferreira, UFG



Profª. Ms. Renata Silva Jorge, UFT

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer grandemente a minha mãe **Jesuita da Silva** que esteve ao meu lado me incentivando e apoiando em todos os sentidos para que concluísse a primeira parte da caminhada acadêmica, e de maneira especial estendo os agradecimentos aos demais membros da minha família.

De maneira especial agradeço os meus amigos **Mateus Campos** e **Bruno Oliveira**, que me fortaleceram e não me deixaram desistir, pois estiveram comigo durante esses quatro anos e sempre me apoiando quando precisei.

Agradecimentos ao Dr. **Rodrigo Lema Del Rio Martins**, meu orientador, pelos ensinamentos, paciência e compartilhamento de saberes no processo de construção do TCC se mostrando muito mais que professor um amigo, e assim, quero que todos os professores do colegiado de Educação Física sintam-se agradecidos,

De maneira especial destaco o professor **Kliver**, que foi um amigo durante a etapa de formação acadêmica em nível de graduação, sempre dando conselhos repletos de sabedorias.

Agradeço ao corpo técnico administrativo do Campus Miracema da UFT, pelos cuidados e prestação de serviços prestadas em detrimento do bom funcionamento do campus.

Agradeço a todos que estiveram comigo durante todo esse processo, e que se fizeram presente durante essa etapa tão importante da minha vida.

Por fim, referencio **Deus** como sendo o responsável por esse momento ímpar em minha vida, me concedendo paz, sabedoria e vida para seguir a minha trajetória acadêmica.

## RESUMO

Ao longo dos anos, as mulheres conquistaram seu espaço na sociedade, porém, é fato que ainda existe uma série de preconceito relacionado ao gênero feminino, seja ele no mercado de trabalho, no esporte ou até mesmo na educação, nesse sentido o presente trabalho teve como objetivo compreender quais os mecanismos de inclusão de alunas do Ensino Fundamental II estão presentes no decorrer das aulas de Educação Física. A pesquisa realizada teve um caráter qualitativo e contou com questionários e observações para alcançar o objetivo proposto e verificamos então que ainda existe pouca visibilidade para as meninas nas aulas de Educação Física, sendo assim, os meninos participam bem mais das aulas do que as alunas. Faz – se necessário então, mecanismos de inclusão para que ambos participem das aulas de forma igualitárias.

**Palavras chaves:** Inclusão. Meninas. Educação. Preconceito.

## **ABSTRACT**

Over the years, as women have gained their place in society, however, there are still a number of prejudices related to women, whether in the job market, sports or even the same education, in this sense or in the present work that had as its main purpose. The objective is to understand what are the mechanisms of inclusion of elementary school students are present during the Physical Education classes. A research carried out had a qualitative character and had questions and answers to reach the proposed objective and verify them, but there is still little visibility for girls in Physical Education classes, thus, the more active children of the classes than the students. It is therefore necessary to include mechanisms for both to participate equally in the classes

**Key-words:** Inclusion. Preconception. Girls. Education.

## **LISTA DE SIGLAS**

DRE	Diretoria Regional de Ensino
SEMED	Secretaria municipal de Educação
SEDUC	Secretaria de Educação e Cultura
TCC	Trabalho de conclusão de curso
RBCE	Revista Brasileira de Ciências e Esporte
UFT	Universidade Federal do Tocantins

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Artigos encontrados nas principais revistas da educação física.....	18
Quadro 2	Dados sobre as escolas e sobre as quantidades de turmas, de alunos e de docentes que compõem a pesquisa.....	25

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Imagem 1	Meninas ao lado da quadra enquanto os meninos “dominavam” todo resto.....	31
----------	--	----

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>14</b>
<b>3.1</b>	<b>Objetivo Geral.....</b>	<b>14</b>
<b>3.2</b>	<b>Objetivos Especificos.....</b>	<b>14</b>
<b>4</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>15</b>
<b>4.1</b>	<b>Aproximações Teóricas.....</b>	<b>15</b>
<b>4.2</b>	<b>Pesquisas Bibliográfica.....</b>	<b>17</b>
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>24</b>
<b>6</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>26</b>
<b>6.1</b>	<b>Questionário docente.....</b>	<b>26</b>
<b>6.2</b>	<b>Questionário discente.....</b>	<b>28</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Historicamente, as mulheres vêm desempenhando um papel secundário na sociedade. De fato, evoluímos nesse aspecto, mas as mulheres ainda sofrem demais com discriminação no mundo do trabalho, nas relações familiares, no universo esportivo e no próprio âmbito da educação.

A luta das mulheres pelos seus direitos, por reconhecimento e por igualdade de tratamento, inclui, também, a busca pelo seu espaço no universo esportivo, um fenômeno cuja dimensão social abrange vários grupos (FIRMINO; VENTUR, 2017). Durante vários anos, as mulheres foram privadas de participar de alguns esportes, até mesmo sendo proibidas de participarem dos Jogos Olímpicos. Nesse sentido, vale salientar que elas conquistaram a sua participação nas Olimpíadas apenas em 1900, porém, somente depois de muitas décadas é que conseguiram, enfim, diminuir os preconceitos que as impediam de disputar várias modalidades consideradas “para homens”. De acordo com Moura et al. (2017), a razão da dificuldade das mulheres em praticar de todos os esportes, de forma indiscriminada, sempre esteve assentada na ideia do “sexo frágil”.

Essa lógica de segregação por gênero nas práticas corporais também ocorre em nível escolar. Souza et al. (2017) afirmam que a Educação Física conservadora exclui as meninas de vivenciarem várias experiências corporais e diferentes esportes, baseado no paradigma da classificação de esportes “para homens” e “para mulheres”. Trata-se, portanto, de uma classificação arbitrária assentada numa lógica meramente biologicista.

Segundo Soares (2012), em 1822, a Educação Física começa a tomar forma no Brasil, porém com uma abordagem exclusiva para crianças e adolescentes do gênero masculino, ancorada no então “Tratado de Educação Física e Moral dos Meninos”. Durante o período Higienista, as mulheres foram incluídas nas práticas da Ginástica, com a intenção de adquirir um corpo belo e saudável, pois de acordo com Silva e Fountura (2011, p. 266), “As mães fortes são as que fazem os povos fortes, é de toda necessidade a Educação Física das meninas para desenvolver, o santuário da maternidade”. Oliveira (2002), por sua vez, destaca que no período Militarista, a Educação Física se baseou no Higienismo e tentava formar pessoas fortes e que contribuíssem com o pleno desenvolvimento do capitalismo. Sendo assim, as mulheres tinham o papel de gerar filhos fortes e saudáveis, e a sua participação nas

aulas de Educação Física da época era parte desse “esforço”.

No transcurso da pesquisa de campo realizada por Uchoga e Altman (2013), elas observaram que, mesmo com aulas de Educação Física ministradas sem a separação por gênero, as meninas eram menos participativas e tinham menos autoconfiança durante as atividades propostas pelo professor de Educação Física.

Na Educação Física Escolar, de acordo com Lara e Pinto (2017), um dos maiores desafios do professor é conseguir a inclusão de todos nas escolas regulares, pois, segundo os autores, os alunos não têm uma percepção mais humana diante das diferenças, sejam elas de qual natureza for.

Todo esse cenário de exclusão histórica e de autoexclusão contemporânea, indica-nos a necessidade de nos debruçarmos sobre essa questão, a fim de estudarmos os mecanismos de inclusão das meninas nas aulas de Educação Física. Com efeito, a presente pesquisa busca problematizar a participação feminina nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental II.

O estudo se materializou nas escolas públicas dessa etapa da Educação Básica, situadas no município de Miracema do Tocantins. A referida cidade está localizada à 80km da capital do Estado. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE 2010), possui 20.684 habitantes e tem uma taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade de 97,1%. Segundo a Secretaria Municipal de Educação (SEMED, 2019), existem 4 escolas de Ensino Fundamental II no município, incluindo as unidades de ensino localizadas na zona rural. Segundo a Diretoria Regional de Ensino (DRE), órgão vinculado à Secretaria Estadual de Educação (SEDUC), existem mais 4 escolas estaduais que atendem o Ensino Fundamental II.

## 2 JUSTIFICATIVA

Consideramos importante pesquisar a participação feminina nas aulas de Educação Física, pois, concordando com Lara e Pinto (2017), trata-se de uma área do conhecimento que, assim como as demais, deve ser inclusiva em todos os sentidos e ter como foco principal o estudante. Com efeito, o professor deve buscar estratégias para diminuir a exclusão e segregação de qualquer aluno, seja por qual motivo for. Portanto, entendemos ser de extrema importância observar e problematizar como ocorre a participação das meninas nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental II.

No âmbito pessoal, pude perceber nas minhas experiências advindas das aulas de Educação Física no Ensino Fundamental II que as meninas estiveram pouco motivadas durante as aulas, principalmente quando se tratava de futsal. Vale salientar que, em diversas dessas aulas, elas apenas observavam ou iam jogar vôlei separadamente. Essa situação sempre foi incômoda para mim, sobretudo após ao meu ingresso como acadêmico do curso de Licenciatura Educação Física na Universidade Federal do Tocantins, no qual venho acompanhando as discussões que criticam esse tipo de discriminação. Busco, então, estudar esse assunto para compreender como os professores e as alunas veem as aulas e como elas são incluídas durante as mesmas, permitindo-me compreender melhor as possibilidades de lidar com esse desafio quando eu estiver na função de docente.

A escolha do Ensino Fundamental II para o desenrolar deste estudo deve-se a minha compreensão de que é a etapa obrigatória mais longa da Educação Básica e que uma experiência positiva com a Educação Física nessa fase da escolarização para as meninas pode motivá-las a quererem participar efetivamente das aulas durante o Ensino Médio. Para tanto, a opção é interagir com as alunas de turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II, por se tratar de alunas que já possuem uma trajetória maior de escolarização, reunindo, portanto, mais condições de falar sobre essa questão

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo geral**

Compreender quais os mecanismos de inclusão de alunas do Ensino Fundamental II estão presentes no decorrer das aulas de Educação Física.

#### **3.2 Objetivos específicos**

Problematizar as estratégias adotadas pelos professores para inclusão das meninas durante as aulas de Educação Física.

Analisar como as alunas compreendem o processo de inclusão direcionado a elas nas aulas de Educação Física.

## 4 REVISÃO DE LITERATURA

Neste tópico, optamos por dividi-lo em duas partes, sendo a primeira destinada a discorrer brevemente sobre ideias de alguns(mas) autores(as) reconhecidos(as) na temática, que nos servem como um referencial teórico, que cumpre a finalidade de trazer mais elementos sobre a problematização do tema aqui abordado. Na segunda parte realizamos uma pesquisa bibliográfica para nos apropriarmos do que vem circulando sobre Gênero em quatro importantes periódicos científicos da Educação Física brasileira.

### 4.1 Aproximações teóricas

Para Louro (2003), a escola é um local onde se propaga as diferenças, seja essa diferença dos alunos que estão na escola para os que não tem acesso, ou uma divisão interna levando em conta gênero, condições financeiras, sexualidade, entre outros, essa divisão, propaga ainda mais os paradigmas construídos em nossa sociedade, fazendo então com que o machismo cresça no âmbito escolar.

Na tentativa de construção de uma sociedade igualitária foi criado a “Escola Mista”, em 1920, porém a relação de superioridade dos homens perante as mulheres se dá até os dias atuais, devido vários professores reforçarem os estereótipos e preconceitos de gêneros cobrando coisas diferentes de meninos e de meninas (CRUZ; PALMEIRA, 2009).

A Educação Física se tornou obrigatória no Brasil em 1851, porém, segundo Goelner (2005), durante muitos anos a Educação Física era totalmente voltada para manter o corpo da mulher saudável para que essas fossem mãe de meninos fortes, enquanto as atividades físicas masculinas buscavam forças para os mesmos.

Em um recorte mais recente, Altmann e Fernandes (2014) asseguram que a Educação Física, durante vários anos, manteve uma forte tradição de separação de meninos e de meninas, porém, no decorrer da década de 1990, essa tradição veio se modificando, fazendo com que alunos e alunas compartilhassem o mesmo espaço e participassem juntos das atividades ministradas pelos professores.

Altmann, Ayoub e Amaral (2011) ponderam que, mesmo após uma grande mudança ocorrida em 1990, ainda existem grandes conflitos quando se tem uma aula mista, e os educadores mostram uma grande dificuldade para gerir esses problemas,

sendo assim, pode-se notar que vários professores continuam preferindo uma separação entre meninas e meninos, abordando algumas atividades “para meninos” e outras atividades “para meninas”

Finco (2008 apud ARAUJO; MOURA, 2016), por sua vez, diz que essa separação ainda existe e é totalmente reforçada pelas atitudes dos adultos que atuam na escola. Sendo assim, a divisão por gênero normalmente contribui para uma Educação Física dominante masculina, pois se há mais atenção para as atividades que são culturalmente denominadas como atividades de meninos (DAÓLIO, 2003; apud NUNES; PEREIRA; LIMA, 2017).

Segundo Jesus e Davide (2006), quando se tem uma aula com separação por gênero, os professores tendem a não dar a atenção necessária para os dois grupos, influenciando negativamente no processo de socialização dos alunos e alunas.

De acordo com Altmann, Ayoub e Amaral (2011, p. 497).

As oportunidades de conhecimento que vêm sendo historicamente oferecidas para meninas e meninos são diferenciadas e, não raro, marcadas por concepções restritas e estereotipadas. Nesse sentido, depreendemos que a diversificação dos conteúdos nas aulas de Educação Física torna-se um aspecto muito importante a ser considerado para que os/as alunos/as possam ter a chance de ampliar seus interesses e seu repertório de conhecimentos, também no âmbito corporal, incluindo o desenvolvimento de habilidades (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011, p. 497).

Segundo Chan-Vianna, Moura e Mourão (2010), existe um paradigma que aponta os esportes e a “esportivização” como algo a ser praticado pelos meninos. Portanto, trata-se de um conhecimento estabelecido que contribui para uma discriminação de gênero e para o sexismo dentro das aulas de Educação Física. Mais uma vez recorrendo a Jesus e Davide (2006), concordamos que, se os corpos femininos e masculinos podem estar juntos dentro de sala de aula, também deve se trabalhar com os dois juntos durante as aulas de Educação Física. Por outro lado, segundo Cruz e Palmeira (2009) Mesmo conhecendo os benefícios de uma aula mista, os professores preferem usar o método tradicional, pois não querem enfrentar novos desafios.

## 4.2 Pesquisas Bibliográfica<sup>1</sup>

Na busca por compreender como a presença feminina nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental vem sendo abordado na literatura científica da nossa área, fizemos uma pesquisa bibliográfica em quatro importantes revistas da Educação Física, com foco e escopo voltado para as subáreas sociocultural e pedagógica: Movimento, Motrivivência, Pensar a Prática e Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE).

Esses periódicos brasileiros foram escolhidos por serem os principais nas referidas subáreas do conhecimento (LAZZAROTI FILHO et al., 2012), de acordo com a classificação atual do *WebQaulis* da Capes (2013-2016). A opção pelos estratos superiores se deve à presunção de que, devido aos rigorosos processos de seleção, nesses periódicos científicos circula o que há de mais avançado no campo da Educação Física brasileira (MARTINS, 2015).

Nessa busca, utilizamos “Gênero” como descritor em todos os exemplares publicados desde a fundação de cada revista até setembro de 2019, mês e ano de finalizamos dessa etapa do TCC. Chegamos a um resultado inicial de duzentos e noventa e seis artigos nas quatro revistas, porém, quando avaliados e filtrados, apenas oito eram realmente pertinentes ao Ensino Fundamental.

---

<sup>1</sup> Essa pesquisa bibliográfica foi publicada no I Seminário de Ciências do Esporte do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, evento realizado em julho de 2019, no Instituto Federal do Tocantins (IFTO) – Câmpus Palmas, organizado pela Secretaria Estadual do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE-TO). Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/1secet/1cecet/schedConf/presentations>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

Quadro 1 – Artigos encontrados nas principais revistas da Educação Física.

Revistas	Nome dos autores	Ano de publicação	Metodologia
Movimento	FRAGA, Alex Branco.	1995	Pesquisa de campo de caráter qualitativo.
	BRONSATO, Tania Maria da Silva; ROMERO, Elaine.	2001	Pesquisa de campo de caráter quantitativo.
	GIL-MADRONA, Pedro; et al.	2014	Pesquisa de campo de caráter qualitativo.
	MATTOS, Michele Ziegles; JAEGER, Angelita Alice.	2015	Pesquisa de campo com caráter qualitativo e quantitativo.
	QUITANA, Javier Gil; OTEGI, Joseba Etxebeste	2019	Pesquisa etnográfica de caráter qualitativo e quantitativo.
RBCE	UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena.	2013	Pesquisa etnográfica de caráter qualitativo.
Pensar a prática	LINHARES, Riana Duarte; FARIA, João Paulo Oliveira; LINS, Raquel Guimarães.	2013	Pesquisa de campo de caráter quali-quantitativo
Motrivivência	JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da Cunha	1996	Pesquisa de campo de caráter qualitativo

Fonte: Silva e Martins (2019).

A Revista Movimento apresentou o maior número de trabalhos publicados pertinentes ao tema. Ao total, foram cinco artigos identificados. Na Motrivivência, na Pensar a Prática e na RBCE apenas um artigo em cada.

Ao que se refere ao ano de publicação, a Revista Movimento tem três dos cinco trabalhos encontrados publicados nos últimos cinco anos, já as demais revistas não

publicaram nenhum trabalho relacionado ao tema nos últimos cinco anos. Vale salientar que filtramos apenas artigos que faziam uma discussão do tema “Presença Feminina na Educação Física no Ensino Fundamental séries finais”, sendo assim, o trabalho deveria ser realizado entre turmas do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental.

Sobre a metodologia, apenas dois artigos não utilizaram pesquisa de campo, sendo que um autor realizou uma pesquisa etnográfica e o outro autor realizou uma pesquisa bibliográfica. Cinco pesquisas apresentaram apenas caráter qualitativo, enquanto apenas uma apresentou caráter quantitativo e três apresentaram caráter qualitativo e quantitativo.

O primeiro artigo da revista Movimento, de Fraga (1995), tem o seguinte título: **Concepções de gênero nas práticas corporais de adolescentes**. Este artigo foi uma pesquisa realizada em uma escola de ensino fundamental anos finais com adolescentes de 13 e 15 anos nas aulas de Educação Física. Ao longo de dois anos de pesquisa com esse grupo, o autor pode perceber como existem paradigmas nas práticas corporais, seja ela relacionada ao esporte ou não, durante as aulas. Também percebeu como os alunos e as alunas se comportavam perante os conteúdos ministrados pelos professores. Alunos do sexo masculino em grande maioria optavam por jogar futebol, esporte esse que historicamente é denominado de forma preconceituosa como “a casa dos homens”.

Nesse determinado grupo, não foi diferente, pois as meninas só podiam participar do futebol em determinadas ocasiões cerimoniais. Por outro lado, quando foi ministrado o conteúdo de dança nas aulas, as alunas se sentiram confortáveis, enquanto os meninos, não queriam participar, alegando vergonha, porém, ao longo do tempo, os pesquisadores conseguiram fazer com que os meninos se sentissem mais a vontade. Todavia, os meninos que tinham mais facilidade e desenvoltura na dança eram alvos de preconceitos, reforçando estereótipos e certo paradigma sobre tal prática corporal.

O segundo artigo apresentado no quadro é de autoria de Bronsato e Romero (2001), intitulado: **“Relações de gênero e de desempenho físico e motor de alunos submetidos aos testes do eurofit”**. Esse artigo, por meio de testes, visou compreender se existia alguma diferença entre o desempenho físico e motor de meninos e de meninas. Nesse sentido, evidenciou-se que os meninos, na maioria das provas, obtiveram uma resposta melhor do que as meninas. Em oito provas de nove

aplicadas, os alunos do sexo masculino se sobressaíram: equilíbrio; tocando os discos; salto em extensão; apreensão manual; sente e levante; suspensão na barra; Shuttle Run; resistência aeróbica.

As alunas apenas tiveram melhor resultado em uma prova: sentar e alcançar. Fazendo uma reflexão desses dados, ficou nítido que as práticas corporais na escola não estão sendo igualitárias, segundo o autor. Outro fator importante que pode ter influenciado é como as meninas e os meninos são vistos historicamente pela sociedade, sendo o fator cultural um dos maiores influenciadores para a pouca prática de atividades físicas desenvolvidas pelas meninas, fruto de um repertório de experiências motoras diferenciadas pelo corte de gênero.

O terceiro artigo que encontramos na revista Movimento tem como autor Gil-Madrone; et al (2014) e aborda o seguinte tema: **“Las niñas también quieren jugar: la participación conjunta de niños y niñas en actividades físicas no organizadas en el contexto escolar”**. Este artigo teve como objetivo analisar a influência das barreiras existentes pela discriminação de gênero na prática de atividades físicas e esportes parameninasda 6ª série nos períodos de lazer escolar. Os autores fizeram uma pesquisa com as meninas e os meninos, utilizando um questionário sobre tais práticas.

Os resultados desse trabalho mostram que ainda existe um grande preconceito com as meninas quando se trata de atividade físicas e esporte, porém pode-se perceber que os meninos cada vez mais “permitem” que as meninas joguem junto com eles. Por outro lado, os autores fazem uma análise dessa palavra “permitir”, questionando o fato de que para as meninas participarem de uma modalidade esportiva ou atividade física na escola, essa condição esteja subordinada a decisão por parte dos meninos.

Além disso, indaga: Não deveria a escola tentar diminuir esses preconceitos com o gênero feminino? Essas reflexões surgem quando perguntado se os meninos gostavam de jogar com as meninas, e a maioria disse que não, o resultado não foi diferente de quando fizeram a mesma pergunta para as meninas que responderam que também não gostam de jogar com os meninos. Segundo o autor isso se dá em diversas vezes pelo fator histórico socio cultural que trata o homem como um ser superior a mulher, assim sendo, não podendo dividir o mesmo espaço com o gênero oposto.

O quarto artigo da revista Movimento: **“Bullying e as relações de gênero presentes na escola”**, de Mattos e Jaeger (2015), teve como objetivo analisar as

interfaces entre o bullying e as relações de gênero no contexto escolar, identificando essa manifestação entre meninos e meninas no ensino fundamental em uma escola pública na cidade de Santa Maria-RS.

Para tanto, os autores realizaram uma investigação, que utilizou como instrumento de pesquisa a observação, o questionário e até mesmo conversas informais. Foi evidenciado que o bullying é presente nessa escola, levando em conta que 100% dos alunos que participaram dessa investigação falaram que já sofreram algum tipo de bullying, porém até mesmo na prática de bullying existe uma diferença de tratamento entre os gêneros (masculino e feminino).

Na maioria das ocorrências em que as mulheres sofrem algum tipo de ofensa, elas estão relacionadas à aparência, já os meninos, na grande maioria das vezes, relacionados a homossexualidade. Quando se trata de ser o agressor (o que pratica o bullying), os dados de outros artigos apontam que, na maioria das vezes, os homens são responsáveis por ofender outra pessoa.

De acordo com os autores, os meninos não têm receio de serem repreendidos pela família, diferentemente das meninas. Um outro aspecto focalizado no artigo demonstra que os meninos se sobressaem na prática do bullying diante das meninas. Os resultados desse trabalho mostram que ainda existe um grande preconceito com as meninas quando se trata de atividades físicas e esporte, porém pode-se perceber que os meninos cada vez mais “permitem” que as meninas joguem junto com eles. Por outro lado, os autores fazem uma análise dessa palavra “permitir”, questionando o fato de que para as meninas participarem de uma modalidade esportiva ou atividade física na escola, essa condição esteja subordinada a decisão por parte dos meninos.

Além disso, indaga: Não deveria a escola tentar diminuir esses preconceitos com o gênero feminino? Essas reflexões surgem quando perguntado se os meninos gostavam de jogar com as meninas, e a maioria disse que não, o resultado não foi diferente de quando fizeram a mesma pergunta para as meninas que responderam que também não gostam de jogar com os meninos. Segundo o autor isso se dá em diversas vezes pelo fator histórico socio cultural que trata o homem como um ser superior a mulher, assim sendo, não podendo dividir o mesmo espaço com o gênero oposto.

O quinto trabalho encontrado na revista *Movimento* é de autoria de Quintana e Otegi (2019), assumindo como título **“Igualdad de género y análisis de la comunicación motriz en las tareas de la educación física”**. O referido artigo teve

objetivo analisar as tarefas motoras no decorrer das aulas de Educação Física, tanto pelo professor, quanto pelos alunos, analisando a diferença entre meninos e meninas em uma perspectiva sócio-pedagógica.

Para alcançar esse objetivo, os autores utilizaram uma pesquisa etnográfica que tem como característica entender a cultura de comunidades e grupos sociais. Constataram que os alunos tendem a jogar de maneira mista quando é uma tarefa dirigida pelo professor, por outro lado, quando é uma atividade mista, e que os próprios alunos se organizam, os meninos jogam com os meninos, e as meninas jogam com as outras meninas.

Quintana e Otegi (2019) sustentam que a Educação Física, de maneira consciente ou inconsciente, contribui para um mundo em que meninas e meninos não podem efetuar a mesma prática corporal, criando então critérios de segregação sexual. Defendem que, no contexto escolar, a Educação Física deveria ser mais educativa e tentar desconstruir essa maneira de pensar e agir em relação as práticas corporais e esportivas, trabalhando toda e qualquer atividade como parte de um conteúdo escolar e desconstruindo essa classificação que enquadra “práticas para meninos” e “práticas para meninas”, reprimidas pela família, diferentemente das meninas. Um outro aspecto focalizado no artigo demonstra que os meninos se sobressaem na prática do bullying diante das meninas, pelo fato da sociedade tender a achar “normal” que essa ação seja empreendida por homens contra meninas, e até mesmo contra outros meninos.

Assim sendo, a escola acaba por se tornar um dos lugares em que mais acontecem esse fenômeno. Ao se tratar de gênero, os autores abordam que por conta dessas diferentes formas de ver as meninas e os meninos, acaba que o sexo masculino tem uma vantagem até mesmo em territórios dentro da escola, caracterizados por outras práticas cotidianas tais como: a expulsão das meninas de locais que eles não querem que elas estejam. A quadra esportiva da escola é, portanto, um dos ambientes prototípicos dessa expressão de violência simbólica, movida pela distinção de gênero

Outra revista que utilizamos como base foi a Revista Brasileira de Ciências e encontramos o artigo de Altmann e Uchoga (2013), que tem o seguinte título: **“Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula”**. Ao tentar entender as relações de gênero estabelecidas em aulas com diferentes conteúdos, os autores utilizaram uma

pesquisa etnográfica, observando os professores que seguiam o currículo do Estado de São Paulo, em vigor desde 2008, currículo esse que propõe uma diversificação dos conteúdos em cinco eixos: ginástica, esporte, lutas, jogo e atividade rítmica.

Foi possível observar que na maioria das atividades proposta pelos professores de Educação Física, os meninos participavam mais do que as meninas, mesmo quando a realização da atividade se configurava de forma mista. Em uma queimada mista, as meninas quase nunca arremessavam, e isso, era algo que até mesmo as meninas se conformavam, pois se sentiam inferior e passavam as bolas para os meninos arremessarem.

Contudo, algumas meninas consideradas superiores tecnicamente falando, se arriscavam mais nas modalidades mistas, ou seja, apenas meninas que tinha um grande nível de habilidade se participavam efetivamente durante as aulas. Nesse sentido, fica nítido com a pesquisa que mesmo com as aulas mistas, em diversas vezes, as meninas se colocam numa posição de inferioridade aos meninos e não participam ativamente das atividades propostas em aula, fazendo então, com que meninas e meninos desenvolvam habilidades corporais distintas por conta dos meninos se arriscarem mais nos movimentos mais complexos.

Na revista Pensar a Prática, por sua vez, encontramos o artigo **“O bullying na educação física escolar e sua diferença entre meninos e meninas”** de Faria, Linhares e Lins (2013). Este trabalho teve como objetivo analisar a relação do gênero com os tipos de bullying mais frequentes nas aulas de Educação Física do 6º ano do Ensino Fundamental das escolas da Rede Municipal de Itaperuna-RJ. Foram aplicados questionários com 141 alunos, sendo 79 meninas.

Os números da pesquisa chamaram bastante atenção, pois as meninas eram vítimas maiores de bullying, sofrendo ele até mesmo seis vezes por semana. Quando se trata de agressores, os meninos responderam que na maioria das vezes fazem bullying até mesmo sozinho, enquanto as meninas só praticam o mesmo em grupo de 8 pessoas ou mais, ou seja, as meninas só praticam bullying quando estão em um grupo de amigos ou colegas.

Em relação ao tipo de bullying, não houve diferenças significativas, pois ambos os gêneros mostraram que sofreram com o bullying psicológico. Nas aulas de Educação Física, os meninos tendem a ser dominantes quando se trata de agressores, pois, para eles as meninas não devem participar da aula junto com eles, e, caso algum aluno do gênero masculino, não seja habilidoso ou não goste do esporte

predominante pelos meninos, é tratado com apelidos preconceituosos.

O trabalho que encontramos na revista *Motrivivência* é de autoria de Junior(1996) e tem o seguinte título: **“Jogos, brinquedos e brincadeiras: investigando Relações de gênero na experiência de crianças do Colégio Pedro II”**. O autor apresenta uma reflexão sobre a escola, a educação, a educação física e as relações de gênero. Para chegar nesse objetivo, utilizou questionários abertos sobre jogos, brinquedos e brincadeiras para problematizar concepções de gênero.

Ao analisar os resultados do questionário, quando se trata de atividades em que tanto meninas e quanto meninos gostam, o autor observa que poucas atividades foram citadas em ambos os gêneros, a não ser os “piques”. O autor faz uma reflexão sobre um possível fim de um preconceito histórico, pois, segundo o mesmo, o futebol foi uma das práticas mais citadas pelas meninas, esporte esse que culturalmente e socialmente é tratado de maneira preconceituosa como “esporte de meninos”. Contribuindo com esse pensamento, o autor aborda que diversas práticas corporais que historicamente foram tratadas como propriedade do sexo masculino, aparecem citadas pelas meninas, essas são, queda de braço, totó, cabo de guerra e futebol de botão.

Durante os levantamentos desses dados bibliográficos, pudemos perceber que essa temática aparece timidamente nas discussões relacionadas à Educação Física no Ensino Fundamental, além de ser recente nos principais periódicos da nossa área (publicados a menos de cinco anos).

Sendo assim, consideramos necessário novos estudos que focalizem essa importante questão, oferecendo a comunidade acadêmica mais subsídios sobre o debate acerca da presença de meninas nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental. Notamos, também, não haver um(a) autor(a) que se dedica com mais profundidade e permanência ao debate de gênero na Educação Física praticada no Ensino Fundamental. Cabe ressaltar que, no decorrer da pesquisa, foram encontrados vários artigos que relatavam a presença feminina nos esportes fora da escola, evidenciando ainda mais a lacuna desse debate em âmbito escolar

## 5 METODOLOGIA

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa de campo, de cunho descritivo-interpretativa que, segundo Gil (2002, p. 42) possibilita “[...] a descrição de determinado fenômeno ou as características de determinada população”. Nesse sentido, a pesquisa é caráter qualitativo, pois estudou um fenômeno a partir das perspectivas dos indivíduos que estão envolvidos. Por esse ângulo, o pesquisador coletou alguns tipos de dados para que se possa entender melhor tal fenômeno (GODOY, 2005).

De acordo com o tema abordado, a pesquisa qualitativa se fez necessária para compreender a realidade das aulas de Educação Física nas escolas de Miracema do Tocantins-TO e observar como as alunas estão sendo incluídas nesse contexto.

Seguindo as contribuições de Chaer, Diniz e Ribeiro, assumimos o questionário como um instrumento importante, pois,

[...] é um poderoso instrumento na obtenção de informações, tendo um custo razoável, garantindo o anonimato e, sendo de fácil manejo na padronização dos dados, garantindo uniformidade, ou seja, é um modelo de fácil aplicação, simples, barato, e plenamente hábil. (CHAER, DINIZ, RIBEIRO, 2011, p. 263).

Este estudo foi realizado em todas as escolas municipais e estaduais de Ensino Fundamental II da cidade de Miracema do Tocantins-TO. A cidade, atualmente, conta com oito escolas no total que oferecem vagas nessa etapa da Educação Básica, conforme mostra a quadro abaixo:

Quadro 2 – Dados sobre as escolas e sobre as quantidades de turmas, de alunos e de docentes que compõem a pesquisa.

Dependência administrativa	Nome das escolas	Nº de turmas de 9º ano	Nº de alunos de 9º ano	Nº de professores de EF no 9º ano
Rede Municipal	EMEC Bartolomeu Fraga	1	9	0
	EMEC Boanerges Moreira de Paula	1	12	0

	EMEC Santa Marina	1	7	0
	EMEC Vale do Tocantins	1	5	0
<b>Rede Estadual</b>	<b>Escola Estadual OnesinaBandeira</b>	<b>3</b>	<b>71</b>	<b>1</b>
	Colégio Tocantins	3	97	1
	Escola Estadual José Damasceno	3	78	1
	Escola Estadual Oscar Sardinha	1	27	1
<b>TOTAL</b>	<b>14</b>	<b>306</b>	<b>4</b>	

Selecionamos aquelas com turmas de 9º ano. Das oito escolas que contém o 9º ano, apenas quatro dessas tem professores formados em Educação Física, todas elas escolas da rede estadual de ensino. Dessas quatro escolas duas delas por meio de um diálogo com o professor de Educação Física, não aceitaram participar da pesquisa. Portanto, ficamos com apenas duas escolas, porém, de três 9º anos que entregamos o questionário, apenas as meninas de uma turma devolveram com as devidas respostas.

Ante o exposto, a pesquisa teve como sujeitos três alunas do Ensino Fundamental II, matriculadas em turmas de 9º ano e um professor de Educação Física das escolas selecionadas. Vale salientar que, professores e alunas, estão ligados diretamente com este estudo, pois a inclusão das meninas nas aulas depende da relação de ambos.

A pesquisa ocorreu sob os ditames éticos da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde que, entre outras providências, exige: I. adesão voluntária em participar; II. Termo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido dos professores e das alunas (Termo delas é assinado pelos pais por serem menores de idade). Cabe frisar que, este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal do Tocantins (CEP/UFT), sob o parecer de nº 3.619.858, emitido em 03 de outubro de 2019.

## 6 ANÁLISE DOS DADOS

### 6.1 Questionário docente

A produção dos dados ocorreu por meio da aplicação de um questionário composto por três perguntas, que teve como sujeito participante da pesquisa um professor de uma escola estadual de Miracema. Esse docente tem 29 anos, possui ensino superior completo, tendo concluindo a graduação em Licenciatura em Educação Física em 2018 e ingressando no Ensino Fundamental II em 2019. As indagações foram:

**Questão 1:** Como você avalia a participação e o envolvimento das meninas nas suas aulas?

**Questão 2:** As meninas costumam se posicionar em relação a sua participação nas suas aulas? Caso sim, de que modo esse posicionamento ocorre?

**Questão 3:** Quais estratégias utilizadas para promover a participação das meninas nas aulas de Educação Física?

Em relação a primeira questão, o professor respondeu que:

A turma 92.02 90% das meninas participa muito das aulas. Posso passar qualquer atividade para a turma que as meninas sempre vão participar (PROFESSOR A).

Esse tipo de posicionamento do docente pode ser motivo de discussão, pois por que será que em média 10% das alunas de uma turma não participam? Durante as aulas que observamos, de fato, o professor propôs várias atividades diferentes de modo que meninas e meninas as realizassem juntos.

Contudo, percebemos que, enquanto a adesão dos meninos era de 100%, a maioria das meninas participavam e outra parcela preferiam se abster. Ficou nítido para nós que nem todas as meninas confiam nas suas habilidades e capacidades para participarem de determinadas atividades. Nesse sentido, concordamos com Uchoga e Altmann (2013) ao afirmarem que, mesmo em uma aula mista, nem todas as meninas querem participar, e quando participam, normalmente é de maneira mascarada. Uchoga e Altmann também abordam que:

Fatores como “confiança nas próprias habilidades” e a capacidade de “arriscar-se em novas aprendizagens corporais” mediam como meninos e meninas se relacionam com os conteúdos nas aulas de educação física.

(UCHOGA; ALTMANN, 2013, p. 169).

Vários fatores podem contribuir para que essas alunas não participem das aulas, seja esses fatores relacionados ao paradigma que aponta os esportes e a “esportivização” como algo a ser praticado pelos meninos. Portanto, trata-se de um conhecimento estabelecido que contribui para uma discriminação de gênero e para o sexismo dentro das aulas de Educação Física (FINCO, 2008 *apud* ARAUJO; MOURA, 2016).

Sobre a segunda questão, o docente respondeu da seguinte forma:

Não, por que elas sempre estão participando com as meninas em todas as atividades da turma (PROFESSOR A).

Ao analisar essa narrativa, de acordo com o que observamos, podemos constatar que em algumas atividades as meninas participavam sem nenhum problema com os meninos, mas, na maioria das aulas, as meninas não participavam ou jogavam vôlei no canto da quadra enquanto os meninos jogavam futsal em praticamente toda quadra. Souza e Altmann, em suas constatações nos mostram que:

[...] A separação de meninos e meninas nas aulas de educação física desconsidera a articulação do gênero com outras categorias, a existência de conflitos, exclusões e diferenças entre pessoas do mesmo sexo, além de impossibilitar qualquer forma de relação entre meninos e meninas. (SOUZA, ALTMANN, 1999, p. 56).

Nesse sentido, é notável que as aulas observadas eram em grande maioria feitas por meio da separação de gênero, reforçando então o paradigma que as meninas são menos habilidosas, frágeis e que existe “esportes para meninos” e “para meninas”. Uchoga e Altmann (2013 p. 169) em uma de suas análises sentenciam que ainda existe uma grande desigualdade quando se trata de participação nas aulas de Educação Física, pois, de forma preconceituosa, existe um paradigma que aborda as meninas como menos hábeis quando comparada com os meninos.

Na última questão do questionário, o professor respondeu da seguinte forma:

Na turma eu não tenho esse problema com as atividades, elas são muito animadas com as aulas (PROFESSOR A).

Podemos perceber que realmente a turma é bastante participativa e animada, por outro lado, várias meninas não participam da aula e o professor não demonstrou

iniciativa em conversar com elas, conforme registramos em Diário de Campo:

As alunas, na maioria do tempo, estavam jogando voleibol afastadas da quadra de futsal (pequeno espaço) ou estavam sentadas no banco que estão ao redor da quadra. O professor em nenhum momento propôs para que essas meninas fora da quadra se integrassem nas atividades da aula (DIÁRIO DE CAMPO, 28-10-2019).

Essa resposta do professor, associada ao que foi relatado no diário de campo, mostra que o mesmo não tenta criar soluções e estratégias para tentar incluir todas as meninas que não participam da aula. Ao que nos parece, o docente naturaliza essa participação secundária e marginalizadas das meninas. Pela resposta dada e pela nossa observação *in loco* ficou evidente que o fato de estarem jogando voleibol num canto apartado do ambiente principal da aula já é motivo suficiente para considerar que elas são “animadas” e de que não sofre com esse problema.

Essa postura do docente pode ser entendida com o apoio de Bourdieu (2002,p. 70). Para o autor, estamos diante de uma “naturalização de traços de comportamentos que se instalam no inconsciente coletivo, e passam a ser imperceptíveis”. Para superar tal situação, é necessário.

[...] ver não apenas diferenças entre os sexos, mas também a maneira como estas trabalham para reprimir diferenças dentro dos grupos de gênero. A semelhança (sameness) construída em cada lado da oposição binária esconde o múltiplo jogo de diferenças e mantém a sua irrelevância e invisibilidade. (SCOTT, 1998 p. 46).

Estamos, portanto, diante de um grande desafio para consolidar uma Educação Física verdadeiramente plural, inclusiva, democrática e que tenha sentido e significado para os seus praticantes.

## 6.2 Questionário discente

O questionário discente foi respondido por três participantes, entre elas, duas tinham 15 e uma 14 anos de idade. Duas estudam na escola desde 2015, enquanto outra ingressou em 2016. Todas fazem parte da mesma turma da escola. Este questionário continha as seguintes perguntas para as alunas:

**Questão 1:** Como você avalia a sua participação e das suas colegas nas aulas de Educação Física?

**Questão 2:** Em sua opinião, você e as alunas da sua turma, de um modo

geral, encontram oportunidades de conversar com o professor e com os demais colegas sobre a participação das meninas nas aulas de Educação Física? De que forma isso ocorre?

**Questão 3:** Você percebe algum esforço por parte do professor para que as aulas de Educação Física ocorram de forma igual tanto para os meninos quanto para as meninas? Se percebe, descreva o que é feito nesse sentido:

Ao lerem os questionários, as alunas 1, 2 e 3 responderam a primeira questão da seguinte forma:

Eu e minhas amigas gostamos muito de participar das aulas de Educação Física. Nós participamos de todas as atividades que o professor passa em quadra e aprendemos bastante com isso (ALUNA1).

Bom, a gente brinca, corre, jogamos bola e muito mais (ALUNA 2).

Geralmente, nós meninas não participamos das aulas porque os esportes são sempre futsal e os meninos não “aceitam” a nossa participação (ALUNA 3).

As respostas nos mostram que algumas meninas se sentem incluídas, enquanto outras não. Isso pode ocorrer pelo fato de algumas alunas serem mais “habilidosas” que outras e a escola, ao invés de tentar auxiliar quem apresenta mais dificuldade, faz o oposto e reforça a diferença, conforme aborda Louro,

A escola é um local onde se propaga as diferenças, seja essa diferença dos alunos que estão na escola para os que não têm acesso, ou uma divisão interna levando em conta gênero, condições financeiras, sexualidade, habilidades esportivas, entre outros. Essa divisão propaga ainda mais os paradigmas construídos em nossa sociedade, fazendo então com que o machismo cresça no âmbito escolar. (LOURO, 2003, p. 17).

Em nossas visitas à escola, pudemos observar nas aulas de Educação Física do 9º ano que

[...] o esporte predominante nas atividades pedagógicas era o futsal. Em nenhum momento vimos o professor dialogar com os alunos e com as alunas no sentido de promover a participação de ambos os gêneros. As aulas só tinham caráter misto quando o docente levava atividades lúdicas. Caso contrário, os meninos eram de certa forma ‘donos da quadra’ (DIÁRIO de CAMPO, 21-10-2019).

Imagem 1 – Meninas ao lado da quadra enquanto os meninos “dominavam” todo resto



Fonte: Arquivo pessoal Silva e Martins (2019).

Fica evidente que as respostas e a nossa observação *in loco* indicam uma supremacia masculina na materialização das aulas de Educação Física. O fato de a vontade masculina prevalecer não ocorre apenas pelo fato de ser o Futsal o conteúdo predominante, mas, principalmente, pela “necessidade” de a participação feminina ficar submetida à aceitação dos meninos, que dominam a cena nas atividades corporais. Trata-se de relações de poder históricas perpetuadas até os dias atuais, que, segundo Resende (2011), está ancorada em estruturas simbólicas do significado da figura masculina e da figura feminina em nossa sociedade.

Concordamos com Pereira e Mourão de que.

A educação escolar favorece os agrupamentos por sexo, reforçando-os através de atitudes, palavras e/ou rituais que vão inculcando nas crianças a ideia de separação de meninos e meninas. A habilidade demonstrada nos esportes em nossa cultura, ainda é tida como coisa de homem, este tipo de compreensão, referenciada na cultura corporal, deve ser desmistificada pela escola (PEREIRA; MOURÃO 2005, p. 209).

Já na segunda questão, as alunas responderam da seguinte forma:

Sim, quando é futebol e os meninos querem jogar, nós conversamos com o professor para ele fazer time das meninas para jogarmos também (ALUNA 1).

Não (ALUNA 2).

Não (ALUNA 3).

Ao observar essa questão podemos constatar que nem todas as aluna

conseguem ter um diálogo com o professor. Talvez, em determinados casos, as meninas nem buscam esse diálogo com o docente.

De acordo com Altmann e Uchoga (2013), as meninas esquivam-se de certos jogos e esportes por não se sentirem capazes. Com efeito, preferem ficar caladas a tentar conversar com o professor no intuito de participar das atividades propostas. Nessa direção, entendemos que essa conversa precisa partir de uma iniciativa do professor para motivar e fazer com que as meninas se sintam em condições de participar das aulas, independente do tipo de atividade (ALTMANN; UCHOGA, 2013). Nas observações das aulas, percebemos que em nenhum momento o professor dialogou com os alunos sobre a inclusão feminina ou sequer propôs que os alunos jogassem junto com as meninas. Ficou evidente, também, que o docente só interage verbalmente com os alunos para dar as primeiras orientações e quando estão fazendo algo errado, no intuito de corrigi-los

Na terceira questão, obtivemos as seguintes respostas:

Sim, por que ele sempre pede para que as meninas sempre possam estar participando com os meninos das atividades (ALUNA 1).

Sim, quando queremos jogar bola na quadra ele divide o tempo dos meninos e das meninas (ALUNA 2).

Não. Pois sempre os meninos começam jogando e ficamos sempre observando (ALUNA 3).

Depreendemos que as três respostas não são consensuais. A aluna 1 indica que o professor sempre pede para que as alunas participem. A aluna 2 acredita que é incluída pelo fato de o professor dividir o tempo entre atividades direcionadas aos interesses dos meninos e as atividades preferenciais das meninas. A aluna 3, por sua vez, acredita que não é incluída de maneira alguma.

Nas observações das aulas que fizemos na escola, percebemos que:

[...] Apenas no início da regência de hoje o professor chamou todos para participarem, mas não se direciona a nenhuma aluna quando elas se sentam ou ficam do lado da quadra nos momentos das atividades (DIÁRIO DE CAMPO, 16-10-2019).

[...] O professor teve uma conversa com os alunos, abordando o que iria trabalhar em aula e orientou que todos fossem para a quadra, mas, durante a prática nesse ambiente, o mesmo não tentou incluir as alunas que novamente estavam sentadas ao lado da quadra. (DIÁRIO DE CAMPO, 21-10-2019).

[...] O professor conversou com a turma e mandou eles irem para a quadra.

Nessa aula, o mesmo estava resolvendo alguns assuntos na escola e não ficou presente na quadra o tempo todo. Quando retornou, não tentou incluir as alunas que estavam sentadas fora da quadra (DIÁRIO DE CAMPO, 28-11-2019).

Analisando as respostas e o Diário de Campo, notamos que o professor pouco dialoga com os seus alunas, sejam eles do sexo masculino e feminino. Acreditamos que algumas discentes, como a alunas 3, se sintam desconfortáveis em participar, deixando então com que os meninos “dominem a quadra” pelo fato de não terem abertura para expor o que pensam ao docente.

Em relação a organização de aulas mistas, registradas na resposta da alunas 2, concordamos que isso ocorre constantemente devido à dificuldade de organizar aulas mistas. Altmann, Ayoub e Amaral (2011) ponderam que, mesmo após uma grande mudança ocorrida na década de 1990, ainda existem grandes conflitos quando se tem uma aula mista e os educadores mostram uma grande dificuldade para gerir esses problemas. Por esse ângulo, pode-se notar que vários docentes continuam preferindo uma separação entre meninas e meninos, abordando algumas atividades mais identificadas com o gênero “masculinas” e outras com o gênero “feminino”. Para Nogueira e Rodrigues (2008), essa é uma caracterização da Educação Física escolar que a diferencia das demais disciplinas curriculares, porém de modo negativo, pois expõe uma atitude segregadora e discriminatória, que reforça preconceitos arraigados na sociedade.

Outro fator importante é que quando se tem uma aula com separação por gênero, os professores tendem a não dar a atenção necessária para os dois grupos, influenciando negativamente no processo de socialização dos alunos e alunas (JESUS; DAVIDE, 2006). Contudo, percebemos que o professor não mantém um diálogo com nenhum dos dois grupos no decorrer da aula, deixando-os livres para utilizarem a quadra e as bolas de futsal e de voleibol da forma que desejarem, sem um direcionamento pedagógico adequado. A consequência dessa postura é que os meninos dominam a quadra jogando futsal e as meninas ficam de lado, ou assistindo a aula, ou jogando vôlei.

A recusa em participar de aulas de Educação Física por desinteresse ou desmotivação por parte dos alunas da Educação Básica vem sendo estudada por diversos autores da área. Moreira et al. (2017, p. 75) indica que o comportamento dos colegas (especialmente nas aulas com prática esportiva) é um dos fatores

determinantes para a não participação efetiva dos discentes nas aulas. Significa dizer que a postura assumida pelos meninos de domínio e a leniência do professor podem gerar uma autoexclusão definitiva das meninas.

A pouca diretividade docente e a autoexclusão das meninas também podem gerar um fenômeno nomeado por Oliveira e Daólio (2014) de “Periferia da Quadra”, que, por definição, é uma “[..] referência subjetiva aos tempos da aula de EF vivenciados pelos alunos” (OLIVEIRA; DAÓLIO, 2014, p. 83), caracterizada pela predileção dos alunos em “[...] sentar-se nas arquibancadas, ouvir música, dançar, rir dos colegas ou participar sem muito interesse na atividade” (OLIVEIRA; DAÓLIO, 2014, p. 84).

Considerando as nuances até aqui exploradas, depreendemos que a temática em tela é bastante complexa e acaba extrapolando para outros processos de exclusão que não se limitam a questão de gênero, tornando ainda mais difícil avançar para uma Educação Física escolar democrática, inclusiva e equânime.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário de exclusão histórica e de autoexclusão contemporânea das mulheres na sociedade, fez com que realizássemos uma pesquisa para compreender como é a relação entre meninas e meninos no âmbito escolar, mais especificamente, nas aulas de Educação Física. Nesse sentido, alcançamos, por meio de observações e dos questionários o objetivo da pesquisa, qual seja, o de compreender os mecanismos de inclusão de alunas do Ensino Fundamental II estão presentes no decorrer das aulas de Educação Física. Na verdade, o que este estudo demonstrou é a ausência de estratégias de ensino que fomente a participação das meninas nas aulas.

Identificamos que ainda existe uma grande desigualdade na participação de meninas e meninos nas aulas, pois, assim como na sociedade, as mulheres continuam cumprindo um papel secundário e naturalizado nas aulas por conta da falta de mecanismos propositivos por parte do professor com vistas feminina. Entendemos que isso reforça o paradigma do homem como superior às mulheres nas relações sociais.

Para uma sociedade igualitária e sem nenhum tipo de preconceito, esse tipo de estudo constitui como importantíssimo, pois, a escola influencia diretamente a organização social.

É importante salientar a relevância da Educação Física para contribuir com esse tipo de sociedade igualitária, pois, por meio dela pode se realizar vários tipos de reflexão e problematização. Ou seja, a partir das mediações pedagógicas contidas nas aulas de Educação Física, acreditamos ser possível contribuir para mitigar esse processo histórico excludente.

Este Trabalho de Conclusão de Curso também verificou que as práticas esportivas tradicionais que dominam a Educação Física escolar há anos contribuem decisivamente na autoexclusão das alunas do 9º ano.

A partir de uma investigação mais aprofundada e delimitada da produção acadêmico-científica, percebemos que essa Educação Física pouco incluyente e sexista não é uma exclusividade do contexto pesquisado (Miracema do Tocantins-TO). Ao contrário, trata-se de um problema antigo e recorrente, que muito desafia a nossa área.

Compreendemos ser interessante a realização de outros estudos que focalizem

essa temática, em especial, investigações que possam assumir a Pesquisa-Ação Colaborativa como metodologia capaz de gerar conhecimento e, ao mesmo tempo, contribuir com a superação de lacunas evidenciadas neste trabalho.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, G. M.; MOURA, T. N. B. A divisão de gênero nas aulas de educação física. **Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica**. Teresina, v. 4, n. 1, p. 18-21, jan./jun. 2016.

ALTMANN, H.; AYOUB, E.; AMARAL, S. C. F. Gênero na prática docente em Educação Física “Meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”? **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2 p. 491-501, maio/ago. 2011. Disponível em:  
<[https://www.researchgate.net/publication/267790950\\_GENERO\\_NA\\_PRATICA\\_DO\\_CENTE\\_EM\\_EDUCACAO\\_FISICA\\_MENINAS\\_NAO\\_GOSTAM\\_DE\\_SUAR\\_MENINOS\\_SAO\\_HABILIDOSOS\\_AO\\_JOGAR](https://www.researchgate.net/publication/267790950_GENERO_NA_PRATICA_DO_CENTE_EM_EDUCACAO_FISICA_MENINAS_NAO_GOSTAM_DE_SUAR_MENINOS_SAO_HABILIDOSOS_AO_JOGAR)>. Acesso em: 23 jan. 2018.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRONSATO, Tania Maria da Silva; ROMERO, Elaine. Relações de gênero e de desempenho físico e motor de alunos submetidos aos testes do eurofit. **Movimento**. Porto Alegre, v. 7, n. 15, p. 21-34, set. 2001.

CHAN-VIANNA, A. J.; MOURA, D. L.; MOURÃO, L. Educação Física, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 149-164, abr./jun. 2010.

CRUZ, M. M. S.; PALMEIRA F. C. C.; Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar, **Motriz**, Rio Claro-SP, v. 15, n. 1, p. 116-131, jan./mar. 2009.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Revista Educar**, Curitiba, 2004, n. 24, p. 213-225, 2004.

FIRMINO, C. B; VENTUR, M. S. A evolução histórica da participação feminina nos Jogos Olímpicos da Era Moderna e a inclusão das mulheres no esporte de competição. **Revista Triade**, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 247-260, dez. 2017. Disponível em:  
<<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/triade/article/view/3088>> Acesso em: 27 nov. 2018.

FRAGA, A. B. Concepções de gênero nas práticas corporais de adolescentes. **Movimento**, Porto Alegre. v. 2, n. 3, p. 35-41, fev. 1995.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2002.

GIL-MADRONA, P.; et al. As meninas também querem brincar: a participação conjunta de meninos e meninas em atividades físicas não organizadas no contexto escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, jan./mar. 2014.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades **Revista Brasileira de Educação Física**. São Paulo, v. 19, n. 2, p.143-51, abr./jun.2005.

IBGE, **Dados populacionais de Miracema do Tocantins**. Brasil, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

JESUS, M. L.; DAVIDE, F. P. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **Movimento**. Porto Alegre, v. 12, p. 123-140, set./dez. 2006.

JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da Cunha. Jogos, brinquedos e brincadeiras: investigando Relações de gênero na experiência de crianças do Colégio Pedro II. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 3, n. 9, dez. 1996.

LARA, F. M.; PINTO, C. B. G. C. A importância da educação física como forma inclusiva numa perspectiva docente. **Revista Universitas**. Brasília. v. 15, n. 1, p.67–74, 2017. Disponível em: <<https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/cienciasaude/article/view/4293>>. Acesso em: 1 dez. 2018.

LAZZAROTI FILHO, A. et al. Modus operandi da produção científica da educação física: uma análise das revistas e suas veiculações. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 23, n. 1, p. 1-14, jan./mar. 2012.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes. 2003.

LINHARES, R. D.; FARIA, J. P. O.; LINS, R. G. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 16, n.2, p. 484-500, abr./jun. 2013.

MARTINS, R. L. D. **O Pibid e a formação docente em Educação Física para a Educação Infantil**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa

de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2015.

MOREIRA, C. H. et al. Motivação de estudantes nas aulas de educação física: um estudo de revisão. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 21, n. 2, p. 67-79, maio/ago. 2017.

MOURA, G. X. et al. Mulher e Esporte: o preconceito com as atletas de Rugby da cidade de Maringá-PR. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 50, p. 17-30, maio 2017.

MATTOS, M. Z.; JAEGER, A. A. Bullying e as relações de gênero presentes na escola. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 349-361, abr./jun. 2015.

NOGUEIRA, M. S.; RODRIGUES, A. M. S. Meninos, meninas ou todo mundo junto? A questão do gênero nas aulas de educação física nas escolas da região sudeste da rede Pública municipal de Teresina. In: III Encontro de Educação Física e Áreas Afins. Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação Física (NEPEF) / Departamento de Educação Física / UFPI, ANAIS... Teresina, p.1-6, out. 2008. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/def/arquivos/files/MENINOS,%20MENINAS%20OU%20TODO%20MUNDO%20JUNTO.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2019.

NUNES, X. P. PEREIRA, G. M. C. L. LIMA, T. L. Relação entre gênero, Educação Física e esporte. **Editora Realize**, v. 72; n. 9, jun. 2017. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO\\_EV072\\_MD4\\_SA18\\_ID742\\_04082017131653.pdf](https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD4_SA18_ID742_04082017131653.pdf) Acesso em: 12 nov. 2018.

OLIVEIRA, M. A. T. Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): história e historiografia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n. 1, p. 51-75, jan./jun. 2002.

OLIVEIRA, R. C.; DAÓLIO, J. Educação física, prática pedagógica e não-diretividade: a produção de uma “periferia da quadra”. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 30, n. 2, p. 71-94, abr./jun. 2014.

PEREIRA, S. A. M.; MOURÃO, L. Identificações de gênero: jogando e brincando em universos divididos. **Motriz**, Rio Claro-SP, v. 11, n. 3, p. 205-210, set./dez. 2005.

QUITANA, Javier Gil; OTEGI, Joseba Etxebeste. Igualdad de género y análisis de la comunicación motriz en las tareas de la educación física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25. p. 1-12, jan./dez. 2019.

RESENDE, M. S. Olhares sobre os corpos e a construção de “homens” e “mulheres” na escola. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 23, n. 37, p. 69-82, dez. 2011.

SCOTT, J. Deconstructing equality versus difference: or the uses of poststructuralist theory for the feminism. **Feminist Studies**, University of Maryland, v. 14, n. 1, p. 33-49, 1998.

SILVA, M. M; FONTOURA; M. P. Educação do corpo feminino: um estudo na Revista Brasileira de Educação Física (1944-1950). **Revista Brasileira de Educação Física**. São Paulo, v.25, n.2, p.263-75, abr./jun. 2011. Disponível em: <http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/44573/1/S180755092011000200008.pdf> Acesso em: 17 de fev. 2019

SOARES, E. R. Educação Física no Brasil: da origem até os dias atuais. **Educación Física y Deportes, Revista Digital**. Buenos Aires. v. 17, nº 169, Junho de 2012.

Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4729883>  
Acesso em: 21 fev. 2019.

SOUZA, C. M. **Relações de gênero e educação física**: “visão de jogo” e beleza. 2009. 81f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

Disponível em:

<[www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000615788](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000615788)>. Acesso em: 1 dez. 2018.

UCHOGA, L. A. R; ALTMAN, H. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v. 38, n. 2, p. 163–170, 2